

Gonzalez Bravo

Não é vergonha para nenhum artista que a sua arte testemunhe uma profunda admiração por um mestre. É preciso saber que as mais importantes aprendizagens são feitas com as obras de arte e através da contemplação directa destas.

Gonzalez Bravo reflecte na sua arte um ensinamento maior da pintura do século XX, do movimento que foi conhecido por Informalismo Matérico, e que o liga a Antoni Tàpies. Tàpies, o testemunho da sua meditação em frente ao muro, eis um momento de iniciação, de uma arte que mais do qualquer outro movimento do século XX integra e introduz conhecimentos da filosofia oriental. Do Budismo Zen, desfazendo a ocidental dicotomia separadora do homem da natureza. A contribuição espanhola para este tipo de pintura que o chauvinismo cultural assimila geralmente à Escola de Nova Iorque, transformou profundamente as premissas do abstraccionismo internacional. Foi com Tàpies e com o movimento El Paso, que se estabeleceu um movimento que ainda nos dias de

hoje tem a maior influência internacional sendo seguido com a maior atenção no Oriente.

Pode dizer-se que depois de Picasso é Tàpies quem mais influencia gerações de pintores, porque o artista abriu um novo caminho para a arte. E foi um caminho feito de coragem, de suprema intuição e criando uma nova maneira de estar na pintura. Tàpies promoveu também a valorização do gesto, entendendo desde cedo o valor da energia feita escrita e caligrafia.

Gonzalez Bravo não foi sempre um artista radicalmente abstracto. A sua arte necessitou de referências a que a paisagem serviu. O seu olhar sobre vários objectos foi desde cedo possuído por uma informação e uma sensibilidade ganha pelo Informalismo Matérico. Olhar a superfície rugosa de uma parede ou a pintura esquálida de uma porta, a “despintura” das casas que a todo o passo se podem ver, passaram a ser, depois do advento do Informalismo Matérico, uma referência a que nenhum pintor desta sensibilidade ficou indiferente. Percebe-se todavia na obra já vasta de Gonzalez Bravo a progressiva adopção de uma estética abstraccionista em que a inclusão de elementos figurativos e de letras contribuem para uma pintura próxima do expressionismo abstracto, mas em que a

matéria é elemento preponderante da expressividade do quadro. Subjaz uma memória de pauta: são as mesmas linhas horizontais que serviam as imagens paisagísticas se transformam em pautas de escrita. E a escrita é quase só o gesto, o gesto aprendido pela caligrafia, pelo fascínio da escrita ideográfica, fascínio comum a tantos pintores ocidentais, que tão profundas transformações operaram na história da pintura.

Pode quase falar-se de quase naturalismo, na transmissão à tela das impressões colhidas na contemplação de muros, das marcas que existem nas paredes e nas casas e que acabam por revelar a história humana, como uma pele cheia de rugas e cicatrizes.

Pungente o apelo sensorial que a pintura de Gonzalez Bravo faz. Quanto mais se avança pela sua já considerável obra, a arte deste pintor vai progressivamente abandonando outros registos para celebrar a matéria, para exaltar este dado definidor de uma sensibilidade a que a cultura espanhola não é estranha, tornando mais declarativa a sua opção e mais radical o seu culto pelo Informalismo Matérico.

A actual exposição é uma demonstração de uma sólida experiência adquirida neste domínio; cada quadro deste

pintor atesta uma aposta numa arte que, sendo considerada “difícil”, não é por acaso que vai tendo um número crescente de cultores. Entre os quais este artista vai, sendo um Mestre.

Eugaria, Outubro de 2005

Sílvia Chicó